

LUGAR: UMA PERSPECTIVA EXPERIENCIAL¹

Place: as experiential perspective

Yi-Fu Tuan²

RESUMO

Independente de tamanho e de características físicas a atribuição da alcunha “lugar” às diversas percepções do homem sobre os espaços vividos. Da lareira à nação, é vasta a gama de fenômenos que podem ser tidos como lugares. Em seu texto, publicado em 1975, Yi-Fu Tuan amplia e eleva as discussões acerca da multiplicidade de lugares, os quais são legitimados pela experiência, dentre eles o lar e seus interiores, a cidade e sua urbanidade, a vizinhança, a região e a nação-estado. Experienciar tais lugares ativa e passivamente é primordial, uma vez que o lugar é construído a partir da experiência física, mental, sensorial, psicológica no espaço vivido: é centro de significado.

Palavras-chave: Experiência. Percepção. Geografia Humanista.

ABSTRACT

Regardless of size and physical characteristics the attribution of the word “place” to the many perceptions of the living spaces by man. From the hearth to the nation, the range of phenomena that can be considered places is vast. In his text, published in 1975, Yi-Fu Tuan broadens and raises discussions about the multiplicity of places, which are legitimized by experience, being among them the home and its interiors, the city and its urbanity, the neighborhood, the region, and the nation-state. Experiencing such places actively and passively is paramount, since the place is constructed from physical, mental, sensory, and psychological experience in the lived space: it is the center of meaning.

Keywords: Experience. Perception. Humanist Geography.

1 Traduzido por Márcia Manir Miguel Feitosa e Renata França Pereira com a colaboração de Millena Portela, Tércila Duarte e Ubiratam Barros do original em inglês “Place: an Experiential Perspective”, publicado no v.65, n.2 da **The Geographical Review**, Abril 1975.

2 Professor Emérito da Universidade de Wisconsin (EUA). webmaster@yifutuan.org.

✉ Department of Geography, 550, North Park Street, Madison, Wisconsin, EUA. 53706.



Lugar: uma perspectiva experiencial
Yi-Fu Tuan

O interesse pelo lugar e pelo significado de lugar é universal. A disciplina acadêmica que estuda o lugar é a geografia. Os geógrafos abordaram o estudo do lugar a partir de duas principais perspectivas: lugar como localização, uma unidade dentro de uma hierarquia de unidades no espaço; e lugar como um artefato único. Assim, por um lado, temos uma crescente literatura sobre a teoria de “lugar central” e, por outro lado, poucos trabalhos focam em demonstrar o caráter único dos lugares específicos, sobretudo, pequenas e grandes cidades. Onde ganhamos conhecimento sistemático é altamente abstrato e remoto a partir da experiência; onde ganhamos entendimento complexo está restrito a localidades particulares. O desejo amplamente não formulado pelas pessoas de conhecer mais sobre o lugar permanece não inteiramente abrandado pelas contribuições dos especialistas. Nas “*belles-lettres*”, também encontramos evocações eloquentes do lugar, mas essas evocações contribuem para uma extensa galeria de retratos individuais com nenhuma alusão a como eles podem estar relacionados. É possível permanecer próximos da experiência no estudo do lugar e ainda assim manter o ideal filosófico do conhecimento sistemático? A resposta é sim, e a chave para tal abordagem repousa na natureza da experiência.

EXPERIÊNCIA

A experiência é um termo geral para os vários modos através dos quais uma pessoa conhece seu mundo³. Alguns modos sensoriais são mais passivos e diretos que outros. Sentimos por meio do

³ Nas palavras de Michael Oakeshott (1993, p.10), “Experiência é um todo único, dentro do qual as modificações podem ser distinguidas, mas que não admite final ou divisão absoluta; e essa experiência está em todos os lugares, não meramente inseparável do pensamento, mas sendo por si uma forma de pensamento.” Ver também Sr. Russell Brain (1959): **The Nature of Experience**.

gosto, cheiro e toque, embora estejamos simplesmente registrando sensações provocadas por estímulos externos. Por meio da audição e, particularmente, da visão, parece que estamos explorando ativamente o mundo além de nós e chegando a conhecê-lo objetivamente. Visão é pensamento, no sentido de que é uma atividade discriminadora e construtiva; cria padrões de realidade adaptados aos propósitos humanos. Mesmo o gosto, o cheiro e o toque são afetados pelo pensamento no sentido acima: eles discriminam entre estímulos e são capazes de articular mundos gustativos, olfativos e táteis. Um enólogo pode ser treinado a “pensar” com seu palato educado; assim como um medidor profissional de espessura⁴ “pensa” com seus dedos sensíveis. Há, contudo, uma distinção importante entre os modos ativos e passivos da experiência: as sensações do modo passivo ficam restritas aos indivíduos e não têm existência pública. O que nós vemos pode ser apresentado em figuras e mapas aos quais todos têm acesso. Figuras e mapas são públicos. O que pensamos é capaz de incorporar em linguagem vários graus de tecnicismo. Mas a qualidade especial de uma fragrância, gosto ou toque não pode ser projetada numa cena pública que não seja através de meios pictóricos e linguísticos. Os artistas são admirados porque, em certo grau, podem objetificar sentimentos íntimos em uma pintura, uma escultura ou em palavras. Poucas pessoas possuem tal habilidade. Ao retornarmos das férias, podemos articular a experiência visual com filmes coloridos e incidentes com palavras, mas o olfato emocional e experiências táteis permanecem ocultos em nós mesmos. A sensibilidade não pode ser compartilhada do mesmo modo que os pensamentos.

O lugar é um centro de significado construído pela experiência. É conhecido não apenas através dos olhos e da mente, mas também

⁴ N. T.: “Cloth feller”, traduzido por Livia de Oliveira em **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente** (TUAN, 2012, p. 24).

Lugar: uma perspectiva experiencial
Yi-Fu Tuan

através dos modos de experiência mais passivos e diretos, os quais resistem à objetificação. Conhecer o lugar plenamente significa tanto entendê-lo de um modo abstrato quanto conhecê-lo como uma pessoa conhece outra. Num nível altamente teórico, os lugares são pontos no sistema espacial. Num extremo oposto, são sentimentos altamente viscerais. Os lugares são raramente conhecidos em um ou outro extremo: o primeiro é muito distante da experiência sensorial para ser real e o segundo pressupõe enraizamento numa localidade e comprometimento emocional que são altamente raros. Para a maioria das pessoas no mundo moderno, os lugares situam-se em alguma parte na extensão intermediária da experiência. Nesta extensão, os lugares são construídos fora de tais elementos como odores distintivos, qualidades textuais e visuais no ambiente, mudanças sazonais de temperatura e cor, como eles parecem quando são abordados na estrada, sua localização no atlas escolar ou mapa rodoviário, e fragmentos adicionais de conhecimento indireto como população ou número e tipos de indústrias. Dentro da extensão intermediária, os lugares são conhecidos tanto diretamente, através dos sentidos, quanto indiretamente, através da mente. Um lugar pequeno pode ser conhecido por meio de todos os modos de experiência; um lugar grande, tais como uma cidade ou nação, depende muito mais de um conhecimento indireto e abstrato para sua construção experiencial.

A experiência constrói o lugar em diferentes escalas. A lareira e o lar são lugares. Vizinhança, cidade e metrópole são lugares; uma região específica é um lugar e assim é uma nação. É de conhecimento comum a aplicação da palavra "lugar" a fenômenos que diferem grandiosamente em tamanho e em características físicas. O que a lareira, a farmácia da esquina, a cidade e o estado-nação têm em comum? São todos centros de significado para indivíduos e grupos. Como centros de significado, é enorme o número de lugares no mundo e não pode ser compreendido

no maior dicionário geográfico. Além disso, a maioria dos lugares são anônimos, pois nomear o lugar é dar-lhe reconhecimento explícito, isto é, reconhecê-lo no nível consciente e verbalizado, ao passo que a maior parte da experiência humana é subconsciente.

LUGARES DENTRO DO LAR

Dentro do lar, a lareira⁵ é um lugar, sendo tanto um centro de significado para a família que em inglês "lareira" significa lar. A mesa da sala de jantar é um lugar. Em torno dela a família se reúne tradicionalmente para o jantar. Quando os hóspedes aparecem para jantar, torna-se um ritual secular no qual a família e os amigos compartilham alimento e vinho sob o brilho da luz de velas (NORBERG-SCHULZ, 1972, p.32). Os lugares podem ser privados para o indivíduo. Minha cadeira de balanço favorita, localizada entre a lareira e a janela cortinada, é meu lugar especial dentro da casa. Tem uma localização específica, um significado especial para mim, e esta ligação entre mim e a cadeira é reconhecida pelos outros membros da família. Eu tenho prioridade sobre ela, e sua localização não pode ser alterada sem perturbar, ainda que levemente, o foco do meu mundo.

Acima de tudo, a cama é um lugar pessoal. "Felicidade é dormir na própria cama", diz o personagem do desenho animado Charlie Brown. Após uma longa viagem, quando sentimos que estamos finalmente em casa? É quando nos aproximamos da cidade, quando pisamos em casa, quando reunimos a família ao redor da mesa de jantar, quando nos sentamos na nossa poltrona favorita - ou é finalmente quando nos aninhamos nos lençóis de nossa própria cama? A cama é um centro de significado por razões além da familiaridade, conforto e segurança:

5 N. T.: Em português, "fireplace" e "hearth" significam "lareira". Optou-se, em função da não-diferenciação em português, pela tradução única "lareira".

Lugar: uma perspectiva experiencial
Yi-Fu Tuan

cada dia, ela é um ponto de partida e retorno. O sono é uma pequena morte; nós diariamente nascemos e diariamente morremos na cama⁶. O significado simbólico da cama é sugerido pelo fato de que o quarto de dormir da realeza, mais do que a sala do trono, é a parte central do Palácio de Versalhes. Luís XIV, o Rei Sol, surge e se retira simbolicamente com o sol⁷.

A lareira, a cadeira de balanço e a cama dentro do lar são lugares reconhecidos uma vez destacados. O sentimento está lá, e aprendemos quão forte é quando estes pequenos focos de nosso mundo são perturbados ou ameaçados. Mas o sentimento não emerge frequentemente à superfície de nossa consciência. Uma velha poltrona e uma cama muito comum não são objetos estéticos que requeiram nossa admiração e julgamento crítico. Eles são conhecidos, intimamente, através dos modos de experiência mais passivos. Contudo, eles também podem ser apreciados pelo olhar, pois são objetos claramente definidos e suas visibilidades podem ser realçadas pela maneira como alguém se desempenha em rituais, por exemplo, ao redor da lareira e da mesa de jantar.

LAR

O significado primário do lar é abrigo acolhedor. É o único lugar no qual podemos admitir nossas fraquezas e necessidades corporais declarada e confortavelmente. O lar é dedicado ao sustento do

6 Ver Bollnow (1971, p.165). O livro de Bollnow é um estudo sobre o significado de lugar à escala da casa, dos cômodos e de seus componentes, tais como a cama, a porta e a janela. Ver também Bachelard (1969).

7 A cama como arquitetura, local de trabalho e centro de rituais e cerimônias é elegantemente explorada por Mary Eden e Richard Carrington (1961). Cecilia Hill (1925, p.59), em "**Versailles: Its life and history**", escreve: "O quarto não era apenas o centro do Palácio de Versalhes, foi o centro simbólico da monarquia. Antes da grande cama, mesmo quando vazia, princesas de sangue real tinham que fazer uma reverência."

corpo. No lar nos alimentamos, nos lavamos e descansamos; para ele nos retiramos quando estamos cansados ou doentes, isto é, quando não mais podemos manter uma aparência destemida diante do mundo (BOLLNOW, 1971, p.129-132). No lar, e não no hospital, nos recuperamos da doença. O hospital é percebido, na melhor das possibilidades, como um substituto, ao qual os ricos podem se dar ao luxo de renunciar e com o qual os pobres não podem arcar. O lar é o eixo de uma rotina diária; nós o deixamos para ir ao trabalho pela manhã e voltamos pelo sustento, descanso e pelo esquecimento temporário de uma noite de sono. Nós **saímos** para todo tipo de lugar, mas **retornamos** para o lar, ou para lugares tão acolhedores quanto. O lar é onde a vida começa e termina; e se isto raramente acontece na sociedade moderna, permanece um ideal onírico.

O lar é destinado aos processos ocultos da vida. Ele protege a vida, não apenas do mau tempo e dos predadores, mas do brilho do sol e do ofuscamento do olho público. Ambos os termos grego e latino para designar o interior da casa, *megaron* e *atrium*, carregam uma forte conotação de escuridão (ARENDDT, 1959, p.321). O lar, na antiguidade clássica, era um lugar privado e oculto de onde alguém se aventurava rumo à vida pública, com todos seus riscos e recompensas (ARENDDT, 1959, p.33). Privacidade e acolhimento persistem como as qualidades centrais do lar: em um fórum recente sobre a liberação feminina, Clara Park (1972-1973, p.143) caracterizou o lar, com um toque de melancolia, como aquele pequeno foco (em latim: "lareira") de ordem e coerência, limpeza e até mesmo beleza – um refúgio ou moldura para uma vida e crescimento autônomos.

Privacidade, abrigo, processos vitais, escuridão: estas palavras sugerem que o lar seja experienciado, indiscriminada e passivamente, pelo olfato, paladar e tato. O que o sujeito sente pelo lar nunca poderá ser tornado explícito e público. O sentimento murcha diante

Lugar: uma perspectiva experiencial
Yi-Fu Tuan

da luz ofuscante do olho público, assim como, no plano biológico, a vida embrionária morre sob o brilho do sol. O lar é, evidentemente, também um objeto visual. Pode possuir uma beleza de forma e cor que é atraente aos olhos. Sua individualidade pode ser apreciada num único relance por ser um centro de significado cerceado: consideremos, por exemplo, unidades isoladas e emolduradas como domicílios amuralhados, fazendas em campos abertos ou residências modernas situadas no topo de inclinações de terra.

A casa moderna está num pedestal; possui alta visibilidade. De fato, algumas casas modernas são abrigos efêmeros examinados pela mente e pelo olho crítico, mais por suas superfícies atraentes e valor no mercado imobiliário do que pelos sentidos menos determinantes do tato e do olfato. Apartamentos em edifícios altos podem ser ainda mais deficientes como lugares íntimos. As recompensas táteis e olfativas não são apenas parcas, mas apartamentos não podem ser vistos como unidades cerceadas. Do lado de fora, um conjunto de cômodos pode ser muito similar a outro. Os conjuntos sequer são separados por corredores geográficos, como são as indistinguíveis moradias de projetos habitacionais de baixo custo. Apenas dentro da mente as subdivisões residenciais de edifícios altos são lugares ou mundos limitados.

CIDADE

Os nomes de lugares em um atlas são primariamente nomes de cidades e, em menor extensão, os nomes de nações, montanhas, rios e outros elementos naturais. As fazendas são lugares, centros de significado para aqueles que nelas residem, mas raramente figuram nos atlas. Camas, cadeiras de balanço e parapeitos de janelas salientes são lugares, centros de significado para indivíduos, mas não requerem

representação cartográfica. Sua omissão não é ditada unicamente por escala. Nos mapas que descrevem áreas de dimensão continental, pequenos povoados são omitidos em decorrência do espaço limitado. Contudo, os rótulos e limites de unidades grandes como regiões, províncias e mesmo estados-nação podem também ser sacrificados para ceder espaço a nomes de cidades grandes. Lugares são cidades tanto para o público em geral quanto para o geógrafo. Há geografias de lugar da dimensão de fazendas e cidades. Não pode haver geografia de lugar da dimensão de cadeiras de balanço, porque relativamente poucas cadeiras de balanço que existem são centros de significado: muitas são apenas inventários em depósitos e lojas de mobília; muitas são simplesmente receptáculos para corpos momentaneamente exauridos. Um mapa que mostra a distribuição de cadeiras de balanço que também são lugares para indivíduos pareceriam pouco diferentes de um mapa da população urbana; porque pessoas e apenas pessoas podem gerar significado, e pessoas (incluindo suas lareiras, camas e cadeiras) são encontradas, sobretudo, em cidades.

As cidades são lugares e centros de significado por excelência. A afirmação é óbvia e ainda assim pode surpreender, pois muitas pessoas instruídas e representativas nos contextos urbanos acreditam que o significado em um lugar é quase proporcional à sua escassez de pessoas. Nessa perspectiva, terrenos agrícolas escassamente povoados são, de alguma forma, mais significativos do que cidades, e regiões selvagens mais significativas que terrenos agrícolas. Como pode uma crença, tão contrária ao senso comum, ser mantida? Um motivo são os meios disponíveis para tornar públicos os sentimentos privados. Para pessoas de meios urbanos, fazendas e selvas são objetos estéticos e religiosos. Uma sintaxe especial verbal e pictórica, criação de muitos artistas talentosos, existe para articular experiências rurais e selvagens do ponto de vista do visitante. Natureza e campo oferecem ao visitante

Lugar: uma perspectiva experiencial
Yi-Fu Tuan

experiências ímpares que podem ser capturadas em slides coloridos e versos populares. Tais experiências permanecem no primeiro plano da consciência. Enquanto clichês pictóricos e verbais tornam-se objetos adequados para exibição pública e intercâmbio social. Para os milhões que vivem na cidade, contudo, pode parecer que frustrações e outras experiências negativas tendem a emergir à superfície da consciência. As satisfações assumem uma existência mais fantasmagórica. Conversar com os vizinhos na varanda, ir à farmácia para tomar um *milkshake*, emergir no ofuscamento da luz solar da caverna escura de um cinema ou bar, tons de neon frescos em uma noite chuvosa e o espesso jornal de domingo – essas experiências são demasiado comuns para servir de retratos. Entretanto, as pessoas parecem conhecer o significado central da cidade em seus ossos, quando não em suas mentes. A cidade é o único ambiente criado exclusivamente para uso humano: é tão gentil ao ladrão quanto é ao cidadão. De comum acordo, cidades são lugares, merecedores de nomes próprios e designações de destaque em atlas escolares; enquanto os termos neutros de espaços e áreas se aplicam às terras mais despovoadas.

VIZINHANÇA E REGIÃO

A vizinhança é menor e a região maior que a cidade. Nenhuma delas possui visibilidade conceitual e perceptual da cidade. Cidades antigas e medievais são, com frequência, visualmente proeminentes; eram cercadas por muros, por fora pareciam monumentos arquitetônicos que se impunham dramaticamente acima de fazendas e cimos de colinas. As cidades modernas são depreciadas por sua falta de forma e definição; ainda assim, algumas possuem silhuetas singulares. A linha do horizonte de Manhattan é inconfundível e pode ser assimilada em um relance. Além disso, as cidades são conceitos proeminentes. É fácil

pensar sobre elas porque têm nomes, frequentemente figuram em noticiários e estão impressas nas mentes das pessoas como círculos, pontos e campos amarelos de mapas e atlas. Em contrapartida, as vizinhanças e as regiões pecam em proeminência visual e conceitual. Relativamente poucas vizinhanças nos Estados Unidos são conhecidas por nomes tanto por residentes quanto pela nação. As exceções óbvias que vêm à mente – Watts, Greenwich Village ou Beacon Hill, por exemplo – confirmam a regra. As vizinhanças não possuem limites expressivos e fisicamente definidos ou linhas do horizonte que possam ser vistos de pontos estratégicos fora delas. As regiões possuem proeminência perceptual ainda menor que vizinhanças. O olho treinado de um geógrafo deve reconhecer onde termina o Oeste e começa o Meio Oeste. Conceitualmente, contudo, as regiões parecem ter tomado posse da imaginação do público de maneira mais significativa que as vizinhanças, pelo menos nos Estados Unidos. O Oeste, o Meio Oeste e o Sul são rótulos regionais amplamente aceitados, muito embora seus limites e traços significativos não sejam claramente conhecidos.

Como unidades espaciais definíveis e unidades sociais, as vizinhanças existem, primariamente, nas mentes de sociólogos e urbanistas. Profissionais que estudam a cidade podem constatar que ela é feita de partes distintas, as vizinhanças. Uma vizinhança pode ser distinguida por sua composição étnica, seu status socioeconômico e pela aparência de suas casas e ruas. Um nome que lhe é atribuído adquire valor entre urbanistas e políticos municipais. Contudo, os residentes de longa duração de tais vizinhanças podem não estar cientes disso, como descoberto por cientistas sociais (KELLER, 1968, p.98). Para a classe trabalhadora do bairro de West End em Boston, por exemplo, a vizinhança não é o West End, mas uma pequena porção dele, um segmento da rua ou uma esquina na qual residem e exercem suas atividades (GANS, 1962, p.11, 104). As experiências que fazem

Lugar: uma perspectiva experiencial
Yi-Fu Tuan

de uma esquina da rua uma vizinhança conhecida intimamente não são aquelas que podem ser tornadas públicas e visíveis com facilidade. Elas resistem à objetificação como verbalizações, mapas ou figuras. Tais experiências de lugar crescem imperceptivelmente com cada impressão inconsciente do paladar, do olfato e do tato, e com atos cotidianos espontâneos como pedir e emprestar açúcar. Perceber a amplitude da vizinhança requer o uso da visão e, especialmente, da visão da mente, pois a amplitude da vizinhança se estende para além da experiência direta do indivíduo.

Uma região como a bacia parisiense ou o Meio Oeste é muito mais ampla que qualquer cidade. É demasiado grande para ser experienciada diretamente pela maioria de sua gente. A região é, portanto, primariamente, um constructo do pensamento, o modo mais ativo de experiência humana⁸. Mesmo a visão, que pode abarcar a linha do horizonte de Manhattan com Minneapolis com um relance, pouco serve para experienciar a região como entidade, já que a região não possui um perfil marcado ou uma fronteira nítida que possa ser identificada no campo. A consciência regional começa como sentimentos rudimentares compartilhados. Os sentimentos compartilhados podem se desenvolver espontaneamente ou podem ser deliberadamente transformados em tradições e num corpo de conhecimento compartilhado. Como ocorre a mudança? Em uma ampla unidade espacial, as pessoas podem ter experiências comuns

⁸ Os geógrafos construíram muitas regiões, apesar de relativamente poucas serem reconhecidas pelas pessoas que vivem nelas como unidades espaciais distintivas. As Grandes Planícies americanas, por exemplo, são uma região fisiográfica bem conhecida. Seus traços culturais comuns, bem como os traços físicos dão-lhe certa coerência. Entretanto, "na língua vernacular, as Grandes Planícies permanecem desarticuladas como região. A setorização, e não o regionalismo, parece ter dominado o sistema do leigo em subdividir a terra em grandes blocos. Um estudo recente da regionalização vernacular americana não indicou nenhuma categoria que aproximasse as Grandes Planícies em nome ou uso [...]" (MATHER, 1972, p.237). O estudo recente referido por Mather é de Ruth F. Hale (1971).

de natureza e trabalho, sentir os mesmos ciclos de calor e frio, ver o mesmo entardecer e cheirar o mesmo ar. Um geógrafo, ao perceber as mesmas similaridades de ambiente e subsistência, atribuirá o nome de região formal. Um estudo mais aprofundado lhe mostrará que é também uma região funcional, na qual as partes estão atadas ao lugar central de um sistema de mercado. Um geógrafo se sentiria justificado ao desenhar uma fronteira ao redor da área e nomeá-la: é para ele uma região, uma área de significado demarcada, distinguível de seus ambientes, um lugar. Contudo, como no caso da vizinhança externamente definida, não decorre que pessoas que morem na área a reconheçam com uma entidade, um foco de significado, um lugar. Os indivíduos e as famílias reconhecerão como lugares suas próprias fazendas e vilas e, porventura, os centros comerciais que frequentam. Povoados são lugares porque são não apenas experienciados passivamente, mas também podem ser vistos: são objetos visuais na paisagem que podem ser apontados. A região, em contrapartida, é demasiado ampla para ser conhecida diretamente. Necessita ser construída por meios simbólicos.

NAÇÃO-ESTADO

Se a região for muito grande e dispersa para ser conhecida no decorrer da vida diária, a nação-estado cobre uma área muito maior, sendo, logo, menos capaz de ser experienciada diretamente. Ainda assim, para seus cidadãos, a nação é certamente um lugar, um centro de significado, um foco de lealdade e apego profundo. A nação, ao contrário da região, é comumente referida como lar, a terra natal. "Somos dos *States*", turistas americanos poderiam responder quando perguntados por seu anfitrião estrangeiro. Os "*States*" são seu lar, seu lugar. A expressão emerge natural o bastante, muito embora seja

Lugar: uma perspectiva experiencial
Yi-Fu Tuan

aplicada a um país de tamanho continental, e os americanos que o dizem, podem ser residentes de Nova Jersey que nunca se aventuraram a oeste dos Poconos.

A nação-estado, com seus limites sagrados e atraentes exigências de lealdade, é uma invenção política relativamente moderna. Deslocou a fidelidade pessoal e apego local do período medieval. Ensinar os ideais de nacionalidade e cidadania através do ramificado sistema educacional (outra invenção moderna) tem obtido tanto sucesso que cidadãos de bem aceitaram a nação-estado como uma instituição humana permanente e profundamente enraizada, tal como a cidade. A crença é evidentemente falsa. Os estados-nação unificados da Alemanha e Itália foram criados no século XIX e, portanto, mais jovens que os Estados Unidos; suas cidades, Colônia e Roma, são, naturalmente, muito mais antigas. É curioso que o caráter estatal fabricado e desaprovado não esteja na vanguarda do conhecimento público, visto que, desde o final da Segunda Guerra Mundial, os jornais anunciam o nascimento de novas nações na África e na Ásia com uma rapidez desconcertante. Novas nações-estado ambicionam substituir antigas lealdades por vilas e tribos; fronteiras estatais, apesar de serem criação arbitrária de antigos poderes coloniais, tornam-se invioladas da noite para o dia (COURT, PREWITT, 1974; ELDER, 1964). A consciência nacional, contudo, não emerge da noite para o dia. Os meios para conscientização são todos simbólicos. A nação, demasiado ampla para ser conhecida pela maioria de seus cidadãos, é conhecida conceptualmente por sua bandeira, hino nacional, uniforme do exército e desfiles, história etnocêntrica e geografia. Mesmo onde as pessoas compartilhem uma cultura comum, a consciência nacional se desenvolve lentamente, muito depois de líderes anunciarem um novo estado. Como posto por Philip Converse,

É difícil a nação como um objeto grupal, integral e delimitado ser vivenciada diretamente e sua existência psicológica para o indivíduo depende da transmissão social de certos tipos de informação. O que é enganoso aqui, como em qualquer lugar, é que décadas ou mesmo séculos após os *literati* terem dado por garantido o conceito de nação, uma proporção significativa de membros da população jamais pode ter ouvido tal coisa (CONVERSE, 1964, p.237).

O estado político é uma entidade instável, comparado com suas próprias cidades. Um dos motivos é que, comparado com a cidade, a existência do estado-nação depende mais da manutenção da potência de símbolos e conceitos compartilhados e menos da experiência direta com objetos e pessoas. As cidades existiram como lugares muito antes de as nações-estado terem sido concebidas e resistem muito após as nações-estado terem se tornado anacronismos pitorescos. Os padrões coloridos de um atlas histórico se deslocam de maneira caleidoscópica enquanto as nações se expandem e se estreitam, aparecem e desaparecem através dos séculos. Comparativamente, as cidades são quase imortais; elas agarram-se à localidade apesar de mudanças revolucionárias nos sistemas político e econômico; elas renascem mesmo quando morrem e, com o tempo, se vestem pitorescamente sobre montes de seus próprios destroços.

VISIBILIDADE

As experiências passivas são sentidas profundamente, mas difíceis de serem expressas. Os pequenos prazeres e irritações da vida diária, a parcamente registrada mas onipresente atmosfera de some fragrância, a sensação de ar, solo macio e terra dura, os acidentes felizes e eventuais golpes do destino – estas são as experiências de vida comuns que podem acrescentar um profundo senso de lugar. Contudo, conhecer

Lugar: uma perspectiva experiencial
Yi-Fu Tuan

um lugar, no sentido pleno de se conhecer algo, requer participação pelo discernimento do olho e da mente. A experiência passiva e os sentimentos incipientes devem adquirir forma e visibilidade; e esta é a função da arte, da educação e da política.

ARTE

A arte não ambiciona duplicar a realidade. Não aspira a reproduzir em seu observador as emoções prazerosas e dilacerantes das pessoas no mundo real. A arte proporciona uma imagem de sentimento; fornece forma objetificada e visibilidade ao sentimento, para que aquilo que for poderoso, mas rudimentar, possa ter uma vida semipública. A *Guernica* de Picasso, por exemplo, possibilita que as pessoas vejam os horrores da destruição de uma cidade histórica e seus cidadãos, mas não que sintam o que é, de fato, ser morto.

A literatura e a pintura produzem uma consciência de lugar que reflete a nossa própria experiência; o que antes era sentido agora pode ser visto, o que era sem forma e incerto agora está enquadrado e imóvel. As descrições literárias e as pinturas de paisagem não são, naturalmente, lugares. Uma obra de arte escultural ou arquitetônica, por outro lado, cria o lugar materialmente, bem como a imaginação. Colocar uma escultura de Henry Moore num trecho de grama abandonada ou num lote desabitado e mero espaço é transformado em lugar. A escultura cria um lugar, um centro de significado, ao criar uma imagem precisa do sentimento humano; uma figura de pedra assume o poder ilusório da vida e atrai o espaço circundante para si (LANGER, 1953, p.91). A arquitetura bem-sucedida gera um forte senso de lugar de duas maneiras. O edifício é um lugar, porque as pessoas trabalham, vivem ou cultuam nele: as experiências se acumulam sob seu abrigo. Mas um grande edifício é também uma imagem de vida comunal e

de valores: é a experiência comunal transformada em uma presença tangível e imponente⁹.

EDUCAÇÃO

Uma função essencial da educação é articular a experiência. A literatura serve a este propósito e, da mesma forma, ao da propaganda. A literatura muitas vezes frequenta o lugar-comum, o obscuro e o indescritível. Os lugares que ela realça não são os *Tetons* e os *Grand Canyons* da paisagem — estas são visíveis o suficiente através de suas dimensões —, mas o casario em Nebraska, um condado no Mississippi, uma cidade na Nova Inglaterra, Nottinghamshire e Wessex. A propaganda é demasiado crua para iluminar o elusivo e o complexo: faz seu apelo às emoções simples, porém fortes, de orgulho, vaidade, amor e ódio. A arte e a propaganda extrapolam a experiência direta. A arte treina a atenção e educa a sensibilidade; ela prepara alguém para reagir ao caráter estranho de lugares e situações. A propaganda atiza as emoções mais simples para que despertem áreas e situações que não fazem parte de uma experiência direta.

Na escola, as crianças aprendem a amar a nação. Livros elementares de história e atlas ensinam incessantemente que a nação é um lugar palpável, como o lar, ao qual os cidadãos devem sua lealdade suprema. O estado usa seu vasto arsenal de símbolos para imprimir sua presença integral sobre os cidadãos. Deste modo, a França é a pátria sagrada na retórica da Revolução (MATHIEZ, 1904) e os Estados Unidos é,

⁹ Langer (1953, p.95) escreve: "A Arquitetura articula o 'domínio étnico,' ou 'lugar' virtual, por tratar de um lugar atual". E "O arquiteto cria uma imagem da cultura: uma atmosfera humana fisicamente presente que expressa os padrões rítmicos funcionais característicos que constituem uma cultura [...] A Arquitetura cria a aparência daquele Mundo cujo equivalente é o Self. É um ambiente em totalidade tornado visível" (LANGER, 1953, p.96, 98).

Lugar: uma perspectiva experiencial
Yi-Fu Tuan

não são. As regiões, em contrapartida, recebem pouca atenção nos programas educacionais. Não é surpresa que as regiões, embora mais próximas da experiência direta do que o estado-nação, muitas vezes parecem menos reais¹⁰. Os regionalistas tentam tornar a região local o foco principal de lealdade, mas podem ter sucesso somente se tiverem o poder político e se a região tiver tanto a identidade política, quanto a sentimental.

POLÍTICA

A política cria o lugar ao torná-lo visível. O lar é um lugar. A família é a menor unidade política. Sua forma de governo é tradicionalmente autoritária. O lar tem limites que precisam ser defendidos da intrusão de estranhos. A casa é um lugar porque inclui o espaço e, assim, cria um “dentro” e um “fora”. Quanto mais a tempestade se enfurece do lado de fora, mais aconchegante o lar parece do lado de dentro, mais a família é unida e mais o lar se torna uma unidade e não um arranjo de cômodos isolados. A vizinhança é um arranjo de casas, de ruas e de blocos individuais até que se torne politicamente organizada; então, a vizinhança inteira é um lugar para seus membros, um lugar com um limite e com valores que podem ser ameaçados por forças exteriores¹¹. A cidade é um lugar politicamente organizado. Uma função do

¹⁰ Para uma discussão acerca do crescimento do nacionalismo às custas do regionalismo na Alemanha, ver Louis L. Snyder (1964) *The Dynamics of Nationalism: Readings in Its Meaning and Development*. Um panfletista e poeta influente, Ernst Moritz Arndt (1769-1860), compôs uma canção popular, “Where is the German’s Fatherland?” a qual revela os hábitos de uma época. O tema da composição sugere que as pessoas devam abandonar seu apego a lugares locais tais como a Suábia, a Prússia e a província de Rhine em favor de uma “maior, mais grandiosa... pátria alemã” (apud SNYDER, 1964, p.145).

¹¹ A vizinhança como comunidade protegida é tema de destaque em Gerald D. Suttles (1972): *The Social Construction of Communities*.

governo da cidade é melhorar a sua imagem, ou seja, sua visibilidade. Uma arquitetura marcante ajuda, mas outros meios existem, como a promoção de um sentimento de rivalidade com uma cidade irmã ou a invenção de festivais para que a cidade funcione como anfitriã cordial, autopromotora e palco físico. As regiões, na medida em que não possuem uma sólida base política, carecem de visibilidade. Alguns escritores e artistas promoveram vigorosamente o regionalismo, mas seus esforços poderão impressionar somente o literário e o artístico, a menos que as qualidades percebidas assumam importância política para serem defendidas por meios políticos contra forças exteriores.

Anação é um lugar demasiado real para seus cidadãos. Sua visibilidade é promovida por grandes máquinas educacionais de propaganda do governo nacional. Métodos diferentes são usados para sustentar um sentido de unidade nacional: um, especialmente eficaz, é chamar a atenção para a ameaça de inimigos externos, reais ou imaginários. Sob ameaça externa a nação não é apenas um lugar, mas um lugar sagrado. Será a Terra um lar para a humanidade? A Terra é um grão de pó fértil no espaço sem vida; é a nossa única casa possível. Assim como o lar e a cidade cercada por muros, a Terra é uma unidade delimitada; certamente, os voos espaciais permitem que a vejamos como a única unidade delimitada desde que todos os esforços humanos em limitar o espaço sejam invisíveis de certa altura. Ainda assim, a Terra não é um lugar para a humanidade; os deuses e deusas terrenos são eternas divindades locais. Nenhuma organização política existe efetivamente para dar visibilidade a todo o mundo, pois, ao contrário dos estados-nação, a Terra não tem nenhum inimigo externo.

EXPERIÊNCIA E TEMPO

A experiência demanda tempo. O sentido de lugar raramente adquire-se de passagem. Conhecer um lugar a fundo requer residência

Lugar: uma perspectiva experiencial
Yi-Fu Tuan

longa e envolvimento profundo. É possível apreciar as qualidades visuais de um lugar com uma visita curta, mas não o cheiro que emana em uma manhã gelada, ou como sons da cidade reverberam através das ruas estreitas para cessar nas praças amplas, ou como o pavimento queima pelas solas dos tênis e derrete pneus de bicicletas em agosto. Conhecer um lugar é também saber o passado: o próprio passado mantido num prédio escolar, na drogaria da esquina, na piscina e no primeiro lar; o passado da cidade consagrado em seus marcos arquitetônicos. No nível pessoal, uma cafeteria é "1963," um ano em que alguém almoçava regularmente com seus colegas; no nível público o antiquário é "1878," ano em que os cidadãos dignos lá se reuniram para redigir o estatuto municipal. O conhecimento abstrato do passado é aprendido rapidamente; os fatos históricos não são mais difíceis de memorizar do que os geográficos. Mas o passado comunal não é verdadeiramente o passado de alguém, a menos que a história se estenda sem romper-se em memórias pessoais; e nem está vividamente presente, a menos que seja objetificado nas coisas que podem ser vistas e tocadas, isto é, experienciadas diretamente.

Se conhecer um lugar demanda tempo, a própria passagem do tempo não garante um sentido de lugar. Se a experiência leva tempo, a passagem do tempo em si não garante a experiência. Uma pessoa pode conhecer um lugar intimamente após cinco anos de permanência; outra viveu lá toda a sua vida e é para ela tão irreal quanto os livros não lidos na sua prateleira. O contraste não é entre o conhecimento abstrato e um conhecimento pessoal que não pode ser expresso, pois é possível viver e, ainda, não estar vivo, de modo que os anos se dissolvam sem deixar marca alguma na mente ou na sensibilidade. Uma vida longa não é garantia de sabedoria. Um longo tempo cronológico não faz uma cidade histórica. Marselha foi fundada em 600 a.C., São

Francisco em 1776 D.C.. São Francisco seria, portanto, menos lugar do que Marselha?

EPÍLOGO

O espaço, não o lugar, seduziu americanos quando as fronteiras foram abertas e os recursos pareceram ilimitados. O espaço é abstrato. Carece de conteúdo; é amplo, aberto e vazio, convidando a imaginação a preenchê-lo com substância e ilusão; é possibilidade e um aceno para o futuro. O lugar, ao contrário, é o passado e o presente, estabilidade e realização. Uma consequência importante do movimento ecológico e da crise de energia é nos fazer perceber que o espaço já não é uma imagem precisa de nossa terra lotada; o lugar é. A Terra não é apenas uma rampa de lançamento para o espaço ou para sonhos de expansão interminável. É o lar humano, no esquema cósmico das coisas. O estudo do lugar atrai cada vez mais atenção, o que deve significar que a geografia está ganhando novos seguidores, já que um foco primário da geografia é o lugar. Para as perspectivas geométricas e ideográficas já existentes na disciplina, uma terceira é aqui acrescentada: a perspectiva experiencial. O lugar é criado por seres humanos para propósitos humanos. Cada fileira de árvores ou de casas existia originalmente como uma ideia, que depois se tornou realidade palpável. Um edifício, um parque ou uma esquina de rua, no entanto, não subsistem como lugares simplesmente porque são realidade tangível e foram concebidos originalmente como lugares. Para que resista como um lugar, deve ser habitado. Isto é uma trivialidade, a menos que examinemos o que significa "habitado". Viver em um lugar é experienciá-lo, é estar ciente dele tanto nos ossos, como na cabeça. O lugar, em todas as escalas, da poltrona à nação, é um constructo

Lugar: uma perspectiva experiencial
Yi-Fu Tuan

da experiência; é sustentado não apenas pela madeira, concreto e estradas, mas também pela qualidade da consciência humana. ☉

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **The Human Condition**. New York: Doubleday Anchor Books, 1959.

BACHELARD, Gaston. **The Poetics of Space**. Boston: Beacon Press, 1969.

BOLLNOW, Otto. **Mensch und Raum** Stuttgart: W. Kohlhammer, 1971.

BRAIN, Russell. **The Nature of Experience**. London: Oxford Univ. Press, 1959.

CONVERSE Philip E. The Nature of Belief Systems in Mass Publics. In: APTER, David E. (Ed.). **Ideology and Discontent**. New York: Free Press, 1964 pp. 206-261.

COURT, David; PREWITT, Kenneth. Nation versus Region in Kenya: a Note on Political Learning. **British Journ. Political Science**, Vol. 4, 1974, p. 109-120.

EDEN, Mary; CARRINGTON, Richard. **The Philosophy of the Bed**. New York: G. P. Putnam's Sons, 1961.

ELDER, Joseph W. National Loyalties in a Newly Independent Nation. In: APTER, David E. (Ed.). **Ideology and Discontent**. New York: Free Press, 1964, p.77-92.

GANS, Herbert J. **The Urban Villagers**. New York: Free Press, 1962.

HALE, Ruth F. **A Map of Vernacular Regions in America**. (Dissertação de doutorado) Dept. of Geography, Univ. of Minnesota, 1971.

HILL, Cecilia. **Versailles: Its life and history**. Boston: Little, Brown, e CO., 1925.

KELLER, Suzanne. **The Urban Neighborhood**. New York: Random House, 1968.

LANGER, Susanne K. **Feeling and Form: A Theory of Art**. New York: Charles Scribner's Sons, 1953.

MATHER, E. Cotton. The American Great Plains. **Annals...** Assn. of Amer. Geogrs., Vol. 62, 1972.

MATHIEZ, Albert. **Les Origines des cultes revolutionnaires: 1789-1792**. Paris: Georges Bel-lars, 1904.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Existence, Space, and Architecture**. New York: Praeger Publishers, 1972.

OAKESHOTT, Michael. **Experience and Its Modes**. Cambridge: Univ. Press, 1993.

PARK, Clara Claiborne. Women's liberation: what will we lose? **The American Scholar**, Vol. 42, 1972-1973, p.139-147.

SNYDER, Louis L. **The Dynamics of Nationalism: Readings in Its Meaning and Development**. Princeton: Van Nostrand, 1964.

SUTTLES, Gerald D. **The Social Construction of Communities**. Chicago: Univ. of Chicago Press, 1972.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

Recebido em Dezembro de 2017.

Aceito em Janeiro de 2018.